

Representações dos corpos masculinos na revista *Men's Health*

Representations of male bodies in *Men's Health* magazine

Josimar Faria Duarte¹
josimar.duarte@ufv.br

Resumo

O ponto fulcral deste artigo é a masculinidade, uma das questões polêmicas dos estudos de gênero. Por isso, nosso objetivo foi detectar, definir e analisar uma forma da mesma construída pela mídia impressa. Para tanto, foi feita uma pesquisa em 12 edições da revista brasileira Men's Health, publicadas entre 2011 e 2012. Os resultados demonstram que esta pode ser entendida como importante segmento pedagógico de difusão de ideias de um tipo de masculinidade que assimila a condição de identidade aos corpos musculosos.

Palavras-chave: masculinidade, corpo musculoso, mídia impressa, representações.

Abstract

The central point of this article is masculinity, one of the controversial issues of gender studies. Therefore, our goal was to detect, define and analyze a form of masculinity constructed by the print media. For this, a survey was conducted in 12 editions of the magazine Brazilian Men's Health, published between 2011 and 2012. The results demonstrate that this is an important segment pedagogical diffusion of ideas from one type of masculinity, which assimilates the condition identity to muscular bodies.

Key words: masculinity, muscular body, printed media, representations.

Introdução

Provavelmente, em nenhum outro contexto histórico as formas corporais tenham ocupado tanto espaço na vida social como na atualidade. Nesses termos, muitos estudos, a exemplo daqueles desenvolvidos por Mauss (2003) e Sant'Ana (1995), reforçam que essas mudanças foram proporcionadas, em grande parte, pela afirmação da indústria cultural², pelo crescimento das tecnologias de informação (Santaella, 2003) e pela eclosão e/ou expansão dos movimentos sociais, como os feministas, gays, negros, estudantes e outros, que fizeram com que os corpos fossem vistos como manifestações das liberdades individuais (Beleli, 2005, p. 79-80; Berger, 2006, p. 103-104).

Muitos julgam que os corpos estão livres e devem ser administrados por cada um conforme seu modo de vida. Dentro dessa visão, eles são os mais valiosos patrimônios humanos, que devem ser cuidados por cada pessoa como símbolos de vitória da cultura sobre a natureza (Caillois, 1990) e como vestígios

¹ Universidade Federal de Viçosa. Avenida P.H. Rolfs, s/n, Campus Universitário, 36570-000, Viçosa, MG, Brasil.

² Indústria cultural é o termo cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer para caracterizar o conjunto de instituições cuja atividade econômica é a produção da cultura. Tais empresas visam lucrar e atingir o mercado a partir de elementos culturais (Adorno, 2004).

das identidades de grupos estabelecidas no mundo cibernético (Novaes, 2006). Mas cada vez mais os sociólogos nos questionam se os corpos estão realmente livres (Le Breton, 2007, p. 47). Como falar em liberdade dos mesmos se há constantes preocupações em modelá-los conforme os parâmetros sociais? Como pensar em liberdade dos corpos em meio às várias técnicas e tecnologias para condicionar, modificar e construir as formas corporais?

Alinhando nosso pensamento aos dos sociólogos Le Breton (2007), Goldenberg (2007), Malysse (2002) e Mauss (2003), os quais consideram que há uma liberdade dos corpos e não para os corpos, procuramos nesse trabalho analisar as representações corporais masculinas apresentadas pela mídia impressa. O estudo teve como referências 12 exemplares da revista brasileira *Men's Health*, publicados entre 2011 e 2012.

Nosso objetivo foi o de procurar entender como homens que se preocupam com as formas corporais constroem as imagens de si e para si, assim como delinear os elementos sociais e culturais que influenciam suas visões. Desse modo, procurou-se analisar como os indivíduos (re) elaboram, (re) significam e (re) interpretam, conforme seus interesses sociais e culturais, as imagens corporais que circulam na atualidade.

Esse tema foi escolhido porque recentemente cresceu no mercado o número de produtos e serviços voltados para a hipertrofia muscular dos corpos masculinos. Também é cada vez mais corriqueiro ouvir relatos de homens preocupados em terem músculos excessivos, exercitando-se por horas em academias de musculação, levantando pesos em aparelhos, adquirindo remédios, suplementos alimentares ou fórmulas naturais que prometem trazer o corpo "ideal". Também há vários programas de televisão que exibem truques para que os mesmos entrem em "forma", ao tempo em que revistas populares apresentam modelos que se dedicam ao *fisiculturismo*³.

Além disso, é comum a publicação em revistas, *outdoors*, jornais, panfletos e televisão, de mensagens nas quais se lê: "Corpo definido a jato!" (*Men's Health*, 2011, nº 67, p. 1), "Abdome sarado em 5 passos" (*Men's Health*, 2011, nº 66, p. 1), "Sarado à base de esporte" (*Men's Health*, 2012, nº 70, p. 1), "Ganhe um corpo 10% + forte" (*Men's Health*, 2012, nº 74, p. 1), "Forte sem sair de casa" (*Men's Health*, 2012, nº 72, p. 1), "Magro, ágil e forte" (*Men's Health*, 2009, nº 41, p. 1) "Vire um paredão" (*Men's Health*, 2012, nº 75, p. 1). Por outro lado, são cada vez mais corriqueiros relatos de homens que têm sua saúde afetada pelo consumo de esteroides, anabolizantes e hormônios, utilizados para aumentar o tamanho muscular, a "força" e a "resistência" física. Também se inserem nesse panorama os distúrbios psicológicos de adolescentes gerados pelo sentimento de não adequação corporal⁴.

Diante de todos estes pontos levantados, supõe-se que a busca do gênero masculino por corpos musculosos seja consequência não só das propensões do sistema capitalista e do nascimento da democracia de massa, caracterizados pelo crescente uso da eletricidade e de investimentos nos setores de comunicações, em especial nos sistemas de locomoção e nas novas técnicas de impressão, que agilizaram a circulação de livros e jornais, modificando os modos de vida e fazendo das formas corporais produtos do mercado (Campbell, 2001). Devemos considerar que os indivíduos participam ativamente dos processos de construções, consolidações e significações das formas corporais (Le Breton, 2008); logo, as mesmas são construções sociais, estabelecidas a partir das relações entre os sujeitos, fazendo com que cada um assimile e interprete as imagens conforme sua realidade.

Com isso, pretende-se demonstrar que os corpos são locais de socialização do sujeito, por delimitar, condicionar e significar a personalidade dos indivíduos, em uma sociedade marcada pelas tensões que constituem as relações de gênero. Portanto, as formas corporais adquirem valores distintos ao variar de um gênero ao outro. Logo, os corpos musculosos dos homens que malham são vistos como condições da masculinidade vigentes em alguns segmentos sociais, sendo também fomento de um sentimento de identidade masculina; com isso, muitos são cobrados por amigos e familiares para alcançar corpos socialmente aceitos.

Para tanto, considerou-se a importância das imagens corporais que circulam por meio da mídia impressa no processo de subjetivação e socialização dos gêneros. Portanto, cabe perguntar: quais imagens corporais são consideradas "perfeitas" na mídia impressa para o gênero masculino? Como alcançar um corpo socialmente aceito? São estas as questões que procuraremos abordar nesse texto.

Nosso texto divide-se em quatro partes. Primeiramente, apresentam-se as fontes documentais que foram levantadas. Em seguida, é apresentada uma discussão teórico-conceitual sobre poder e gênero. A terceira parte mostra os resultados da pesquisa, com descrição de dados que foram coletados em dois momentos. Os resultados alcançados no projeto são expostos nas considerações finais.

A revista *Men's Health*

O universo empírico de pesquisa foi constituído por 12 exemplares da revista brasileira *Men's Health*. Estes são códigos do século XXI em que foram registradas informações de caráter jornalístico voltadas ao público masculino. As informações veiculadas por meio dela são de cunho informativo e construídas

³ No dicionário, "fisiculturismo" é uma prática esportiva que visa, através da musculação, à melhor definição muscular, ou seja, volume, simetria, proporção e definição da fibra muscular (Ferreira, 1986).

⁴ Alguns estudos afirmam que homens de classe média e alta consomem anabolizantes na busca de um corpo perfeito. As pesquisas realizadas "provam" que essas substâncias degeneram a saúde do coração, do cérebro e elevam o risco de morte súbita (Machado e Ribeiro, 2004). Já os psicólogos afirmam que as preocupações com a forma corporal de adolescentes causam danos cerebrais irreversíveis, afetando a memória e o raciocínio (Reppold e Hutz, 2008, p. 85-91).

por uma equipe editorial sustentado pela Editora Abril. Alguns desses profissionais são: o diretor da redação Airton Seligman, os editores Cesar Candido dos Santos e Theresa Dino, os designers gráficos Gluliane Tirabosso e Guilherme Carvalhos, os repórteres Luca Cantor e Majorie Zoppei e por colaboradores que variavam entre as edições.

Tal revista é em formato impresso e visa transmitir mensagens por meio de linguagens textuais e imagéticas. Sendo impressa em papel LCW fosco, na dimensão 275 mm de altura e 208 mm de largura, com aproximadamente 120 páginas, sendo encadernada em costura sólida com aproximadamente 4 mm de espessura, tendo uma capa de papel couché brilhante nas mesmas dimensões citadas, fazendo com que essa publicação seja de fácil manuseio. Por ser uma publicação periódica destinada a promover a circulação de ideias, pode ser classificada como integrante do que em arquivística denominam-se acervos públicos.

A escolha dessa revista se deve ao fato da mesma estampar na capa modelos apontados como referências de beleza e masculinidade, tendo ampla circulação entre o público masculino de classe média, do Sudeste brasileiro, com uma tiragem mensal de 159.290 exemplares e uma circulação líquida de 99.220 exemplares.⁵

A *Men's Health* tem edições próprias em mais de 38 países, mas ela foi idealizada nos Estados Unidos, em 1987. Já a versão brasileira foi lançada em maio de 2006, estando atualmente com 77 edições publicadas⁶, sendo a maior revista especializada em tratar do corpo masculino (*Men's Health*, 2011, nº 67, p. 14).

As questões tratadas na revista estão dispersas ao longo das seções ou matérias diversificadas, que podem variar entre os meses, mas, em geral, o foco é mantido, sem grandes modificações dos conteúdos e das formas de tratar os assuntos. Ao mesmo tempo, este periódico é composto por seções fixas e principais, que são: (a) capa, com um homem expondo a parte física que será tratada nas estratégias para se alcançar a forma física tida como perfeita; (b) *Fitness*, com propostas de atividades físicas de musculação para perder peso e ganhar massa muscular em prazos estipulados; (c) *Nutrição*, com sugestões de alimentação e de regimes para se perder peso e ganhar massa muscular; (d) *Cuidados Pessoais*, com dicas de cuidados com a pele e com os cabelos, sugerindo ao público produtos de beleza ou tratamentos específicos; (e) *Cabeça de Homem*, tratando de relacionamentos amorosos heterossexuais, trazendo conselhos de conquistas, normalmente relacionando a mesma ao corpo em "forma"; essa parte da revista também trata de assuntos como carros, motos e outros objetos (f) *Sexo*, com dicas para que os homens tenham vidas sexuais ativas; (g) *Moda*, dicas de como se vestir; (h) *Carta do Leitor*, relativo a dúvidas de leitores sobre musculação, saúde, entre outros; (i) *Diga para a Gente* também é um espaço para esclarecer dúvidas dos leitores, trazendo um parecer de um profissional; (j) *Gil o Garçom*, colunista que respon-

de dúvidas dos leitores sobre o cotidiano masculino; (l) *Saúde*, tratando de questões relativas à saúde masculina, com opiniões de médicos especialistas; (m) *Pergunte à Vizinha*, colunista que avalia os comportamentos dos leitores em relação ao universo feminino; (n) *Mixer*, que consiste no relato de um leitor que se considera vencedor por ter conquistado perda de peso e ganho de massa; nessa parte os autores relatam suas trajetórias para alcançar corpos semelhantes aos da capa da revista. Tal seção possui foto de antes e depois, a idade dos leitores, *status* social, altura, peso atual e a quantidade de perda de peso e ganho de massa, assim como há relatos das tentativas anteriores até chegar à atual para a conquista do corpo tido como ideal.

Com isso, observa-se que o conteúdo total da revista é dedicado à orientação do comportamento dos homens na atualidade, apresentando questões díspares e extremas da construção da masculinidade, mostrando-nos os referenciais deste público relativos à beleza e à boa forma. Por isso, analisamos este periódico a fim de apreender os elementos significantes e as experiências veiculadas pela imprensa como integrantes do universo masculino heterossexual.

Para tanto, recorremos a uma metodologia de narrar às imagens corporais apresentadas pela equipe editorial e por leitores dessa revista. Assim, nosso desafio foi fazer com que essas imagens não fossem tratadas como exemplares de um contexto, mas como campo de análise, em que "cada sistema de disposições individuais é uma variante estrutural dos demais [...], o estilo pessoal não é senão um desvio em relação ao estilo próprio de uma época ou de uma classe" (Levi, 2002, p. 174).

De tal modo, procuramos delinear os diferentes contextos apresentados nos materiais de pesquisa, abordando os conteúdos da documentação como fonte de leitura e análise das representações do gênero masculino, dentro de uma perspectiva das representações inspirada em Chartier (1990), que afirma que a construção do sentido através da leitura é um processo historicamente determinado e que seus modos e modelos são variáveis de acordo com os períodos, os lugares, as comunidades.

De acordo com Chartier, "representação" é um conceito filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. Portanto, representações são imagens construídas pelas formulações mentais baseadas nas vivências sociais, oferecendo aos pesquisadores a possibilidade de captar as visões de mundo de determinados agentes, em dado momento histórico. Assim, as representações servem para

[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as

⁵ Dados do IVC (2007).

⁶ Entre maio de 2006 e setembro de 2012.

classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado (Chartier, 1990, p. 7).

Por isso, deve-se salientar a importância de se perceber que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forja” (Chartier, 1990, p. 7). Como se percebe, Chartier nos propõe que as representações sejam analisadas observando as posições e os interesses de quem as produz. Partindo dessa lógica, quando analisamos o material de pesquisa, levamos em consideração os pontos de vista da equipe editorial, ou seja, quais são os discursos que em momentos específicos essa revista almejou transmitir? As atividades laboratoriais desenvolvidas consistiram em leituras, transcrições e fichamentos de fontes.

Poder e gênero

Antes de passarmos para a análise das representações da *Men's Health*, é importante destacarmos algumas considerações acerca dos conceitos que adotamos no decorrer deste trabalho, que são provenientes da Sociologia e da Antropologia, assim como de áreas afins, como da História e da Filosofia.

Inicialmente, buscamos no pesquisador Michel Foucault o conceito de poder, para compreendermos como a mídia pode ser vista como uma estratégia de controle do masculino. O poder está no centro das análises empreendidas nas obras de Foucault, que propõe que esse seja visto em sua complexidade, em sua atribuição e em seu funcionamento onipresente.

A condição de possibilidade do poder, em todo caso, o ponto de vista que permite tornar seu exercício inteligível até em seus efeitos mais “periféricos” e, também, enseja empregar seus mecanismos como chave de inteligibilidade do campo social, não deve ser procurada na existência primeira de um ponto central, num foco único de soberania de onde partiriam formas derivadas e descendentes; é o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis. Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro (Foucault, 1982, p. 103).

Nesta visão, o poder não é exercido a partir de um ponto central, como, por exemplo, uma sede no Estado, pois há diversos poderes multiplicados na sociedade, podendo ser o poder social, o poder econômico, o poder militar, o poder político, entre outros. Portanto, existe um sistema complexo de relação e revezamento de micropoderes. Estes são exercidos pela repressão e pela regulação, que organiza o cotidiano, e mediados pela persuasão, sedução e consentimento (Foucault, 1982, p. 183).

Desse modo, o exercício dos poderes não se resume ao uso dos constrangimentos e da tomada de decisão; é também um conjunto de estratégias nas quais a educação e as formas de representação têm uma importância maior na convenção disciplinar.

Os dispositivos de proteção e de repressão que os poderes estabelecidos levantam para preservar o lugar privilegiado que se outorgaram a si mesmos no campo simbólico demonstram o caráter imaginário, mas não ilusório, desses bens tão protegidos (Foucault, 1982, p. 247).

Assim, o poder é um maquinário cujas forças que trazem energia aos motores e cujas engrenagens são exercidas para controlar os comportamentos. Entende-se que os poderes exercidos em nome do controle são simbólicos, pois, nesta arqueologia, a loucura, sexualidade e punição são conversões disciplinares (Foucault, 1982, p. 248).

Outro autor que penetra na raiz dessa questão é Pierre Bourdieu, com o conceito de poder simbólico, que nos ajuda a compreender o papel da mídia como o de manutenção da ordem simbólica, contribuindo, assim, para conservar a ordem política e legitimar, portanto, a divisão social. Para esse autor:

O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente performativa de nomeação que oriente e estructure as representações, a começar pelas representações do corpo (o que ainda não é nada); ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradora dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma definição diferencial dos usos legítimos dos corpos, sobretudo os sexuais, os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero – e em particular todas as virtualidades biologicamente inscritas no “perverso polimorfo” que, se dermos crédito a Freud, toda criança é – para produzir este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina (Bourdieu, 2007, p. 33).

Poder simbólico pode ser entendido como a capacidade que um indivíduo ou grupo tem de sobrepor sua vontade à de outros; na esfera social, tal capacidade adquire uma dimensão de mobilização de recursos diversos, tanto materiais como imateriais, que resulta no fenômeno de dominação e exclusão ou forja relações de solidariedade. Tal capacidade implica elos entre atores que possuem objetivos contraditórios ou convergentes, mas que interagem nos processos de interações sociais. Portanto, o poder simbólico assume uma dimensão inescapavelmente relacional, podendo-se firmar por meio de consensos. Logo, a sobreposição de uma vontade só é possível dentro de relações mutuamente favoráveis aos atores envolvidos.

Outro conceito que também usamos neste trabalho é o de gênero, que de imediato nos remete à pesquisadora Scott (1995, p. 71-100). Este conceito serve para compreendermos como o comportamento dos humanos é uma combinação de aspectos biológicos, psicológicos e sociais, que tem suas referên-

cias na identidade de gênero. Ou seja, a sensação de ser homem ou mulher é um processo cultural, formado ao longo do desenvolvimento dos indivíduos, numa interação dos sujeitos com o ambiente (Scott, 1995, p. 71).

Dentro dessa perspectiva, existe uma identificação do ser humano pelo sexo, que considera só a genitália externa. Em nossa cultura, por exemplo, ao nascer o ser é identificado considerando o pênis ou a vagina. Após isso, e não sendo o indivíduo intersexo, ou seja, possuir por um processo teratológico os dois órgãos sexuais, há socialmente a certificação oficial e "definitiva" do indivíduo enquanto pertencente ao sexo masculino ou feminino. Posteriormente a esta certificação os recém-nascidos são tratados pelos familiares e conhecidos enquanto meninos ou meninas. A partir daí, estes constroem suas identidades sociais: os meninos aprendem a serem machos, masculinos, homens; e, as meninas fêmeas, femininas, mulheres (Scott, 1995, p. 73-74).

Em nossa cultura, é a biologia que diz quem é macho ou fêmea. Após a identificação do sexo, vão sendo ensinados aos humanos os códigos sociais de comportamento de gênero. Nesta dinâmica, os meninos aprendem os significados de seus corpos, como tratá-los, como se expressarem, como se comportarem com os outros e as outras, aprendendo com a masculinidade a se admitirem como homens. O mesmo acontece em relação às meninas (Scott, 1995, p. 75).

Nessa ótica, Scott conclui que gênero é um conceito construído socialmente, em que a classificação dos lugares dos homens e das mulheres tem implicações sociais e econômicas importantes, condicionando as oportunidades dos indivíduos nas várias esferas (mercado, trabalho, outras). Portanto, o gênero pode ser entendido como "uma forma primeira de significar as relações de poder" (Scott, 1995, p. 72).

Pesquisas recentes demonstram que somos uma sociedade funcionalista⁷. Nesta, os seres humanos se manifestam por meio de papéis sociais, ou seja, como filhos, irmãos, estudantes, amigos, profissionais, namorados, maridos, pais, etc. Dento dessa lógica, a identidade de gênero também se expressa por meio de papéis sociais: masculinos ou femininos, ou seja, os lugares dos sujeitos são determinados pela condição de ser homem ou mulher, aceitando-se somente estes dois modelos de comportamento de gênero (Perrot, 2005, p. 470-471).

Dessa forma, os papéis sociais são ocupados levando-se em consideração o gênero, em que se faz uma diferenciação dos entre os lugares dos homens e os das mulheres. Estes papéis são diferenciados nos relacionamentos públicos, em que o homem é tratado como macho e a mulher como fêmea, independentemente da orientação sexual (hetero ou homossexual). Devemos levar em consideração que a identidade de gênero não é necessariamente vinculada ao comportamento sexual. Por exemplo, no documento de um travesti consta masculino ou feminino, e a sua sexualidade só será considerada no âmbito privado (Perrot,

2005, p. 475). Com relação ao gênero, independentemente do psiquismo, do biológico e do comportamento social, as pessoas são localizadas por uma identidade que leva em consideração apenas a genitália.

Assumindo essa linha de raciocínio, partimos da hipótese de que os homens hoje são educados a ocuparem lugares que antes eram de domínio exclusivo do feminino, como as passarelas de moda, as salas de estética e a culinária. Eles também têm feito uso de maquiagem, pintado os cabelos, feito as unhas, depilação e, para parecerem viris, preocupam-se com a hipertrofia muscular. É claro que as características citadas não são gerais. Mas devemos levar em consideração que essa é uma nova forma de analisar a construção do comportamento masculino atual, que está presente na mídia e em nosso cotidiano.

O gênero representado na *Men's Health*

Inicialmente, a revista masculina *Men's Health* foi pensada apenas como fonte de um estudo sobre beleza masculina midiática. Acreditávamos que a mesma podia subsidiar o pensamento em voga a respeito da beleza de consumo, na qual a indústria cultural propõe a esse público o consumo de produtos estéticos, para se sentirem melhores aos olhos dos outros (Garcia, 2004). Porém, conforme as mesmas foram lidas e relidas com os olhares de pesquisadores, pudemos observar que havia nessas mensagens uma educação do gênero masculino na qual, por meio da produção de uma moral de culto aos corpos musculosos, os homens eram incentivados a negar imagens físicas que demonstrassem fragilidade e/ou passividade. Logo, os homens fortes não eram apresentados apenas como o resultado estético das academias e das pistas esportivas, mas representavam os valores e o modo de pensar do gênero, nos quais os braços e ombros musculosos eram pensados pela equipe editorial como símbolos da masculinidade.

Masculinidade é um conceito carregado de estereótipos e pontos que proporcionam diversas discussões. Segundo Miguel do Vale Almeida, tal conceito não se limita à condição cultural de ser homem, que facilmente se confunde com a qualidade de ser sexualmente ativo, mas, sim, uma metáfora de poder e da capacidade de ação. Logo, esta é construída no tempo e no espaço, variando de acordo com as culturas, lugares e as características individuais dos homens. Assim, ela não é singular ou hegemônica, dada pelo biológico, e sim plural e multifacetada, diretamente ligada à sociedade. Por isso, cada coletividade constrói características dos comportamentos do gênero masculino, definindo atributos hegemônicos e subordinados das condições desses, que são alteradas ao longo do ciclo da vida ou pelas diferentes situações cotidianas. Desse modo, não existe um modelo

⁷ O funcionalismo que nos referimos, consiste, numa teoria que procura explicar a sociedade pelas funções que cada instituição tem para o funcionamento da sociedade na sua totalidade (Johnson, 1997).

único de masculinidade; ela deve ser entendida e analisada na sua pluralidade (Almeida, 1995).

Partindo da noção de masculinidades, na qual, em um mesmo tempo e espaço, convive-se com várias formas de caracterizar os comportamentos dos homens, mapeamos, a partir das fotografias impressas pela revista *Men's Health*, uma forma de manifestação das mesmas. A partir dessas fotografias, procuramos detectar, definir e analisar como a composição da aparência masculina demarca a condição de ser, fazendo com que corpos esculpidos por várias sessões diárias de musculação, embora não aparentem ser pesados, possam ser entendidos como uma forma de classificar o poder e a ação dos homens heterossexuais. A vinculação entre os corpos musculosos e os padrões, modelos e referências de heterossexualidade masculina pode ser mapeada na capa da revista publicada em setembro de 2012 (Figura 1).

A busca de aproximação dos corpos à masculinidade heterossexual fica explícita na fotografia usada na capa da edição 77. Nela, temos duas imagens adultas, sendo uma a de um homem, posicionado atrás de uma mulher, ambos de pé, em po-

sição ligeiramente frontal, dispostos como se evadissem para a esquerda do plano. Estão trocando olhares e esboçam gestos de intensa satisfação.

A figura feminina está no primeiro plano da cena, tendo a mão direita na cabeça e a esquerda estendida, com ligeira flexão para cima; as mãos são estreitas e os dedos finos, com unhas longas e tingidas. O sorriso é largo e alinhado, como se estivesse sentindo uma intensa felicidade. O rosto é afilado e anguloso. As sobrancelhas são finas, o nariz é pequeno, os lábios carnudos e as maçãs do rosto salientes. Os olhos estão fechados e realçam o gozo expresso no semblante. A pele é bronzeada, tonificada e lisa, sem sinais expressivos de idade. Os cabelos são lisos, castanhos e longos, com algumas luzes. O corpo é magro, mas os seios são fartos e estão envolvidos pela mão direita do modelo. Ela também usa apenas um biquíni em tecido imitando a pele de uma onça e deixa mostrar um corpo magro e sem gordura.

Já a figura masculina está posicionada no segundo plano da cena. Ela está envolvendo a figura feminina, tendo a mão direita segurando os seios da modelo, com os cinco dedos abertos. A mão esquerda está segurando a modelo pelo quadril, essa mão é larga e os dedos finos. O braço direito encontra-se flexionado no plano inferior, envolvendo a modelo de cima para baixo. Já o esquerdo está um pouco flexionado, numa atitude que deixa evidentes os bíceps inflados. O modelo olha diretamente para os olhos da figura feminina, enquanto esboça um sorriso discreto, como se tivesse seduzido a mesma. Seu rosto é oval e alongado. A testa é alta, e o queixo é pequeno. Suas sobrancelhas são acentuadas e feitas. O nariz é longo, com narinas afiladas, e os olhos estão ligeiramente abertos. A barba realça a serenidade do semblante. A pele é clara e ligeiramente bronzeada. Os cabelos são curtos, lisos e castanhos. O corpo está em evidência, deixando ver o peitoral desenhado por exercícios físicos e os braços torneados, mas a hipertrofia dos mesmos não é excessiva. Ao fundo das figuras não há elementos que complete a cena, deixando apenas os modelos em evidência.

Esta fotografia aponta para dicotomia homem e mulher, numa relação em que há entre ambos a sedução e a atração. Nesta relação, a figura masculina aparece como quem faz a ação da conquista, envolvendo a mulher. Esta, por sua vez, apenas expressa a satisfação por meio dos gestos. A busca de aproximação das imagens dos homens com uma masculinidade na qual as ações dos mesmos são descritas como mais ativas é evidente na figura acima. Nela, a mulher é apresentada como um corpo desejado, olhado, admirado, cortejado e surpreendido pelo sexo oposto, que é quem se aproxima da figura cobiçada e a toma para si. A figura feminina só responde com um sorriso, aceitando a iniciativa masculina.

Estas relações de sedução e conquista entre homens e mulheres ficam evidentes inclusive na linguagem coloquial e cheia de oralidade utilizada nos textos da seção *Pergunte à vizinha*. Na edição 67, publicada em novembro de 2011, o leitor Eduardo Alves relatou que usava de galanteios para conquistar uma mulher:



Figura 1. Capa da *Men's Health* em setembro de 2012.

Figure 1. *Men's Health* cover on September 2012.

Fonte: *Men's Health* (nº 77, setembro de 2012, p. 1)

Pergunta do Leitor: Cá, saí com uma garota e fiz questão de pagar. Ela se ofendeu, deu piti, mas cedeu. Aí deu chilikie quando abri a porta do carro. Então cansei, e ela resolveu ser carinhosa. Qual é? Como vai ser na cama?

Resposta da colunista: Ou uma loucura ou um porre. Eduzinho, você cheio de educação pra dar e ela fazendo pouco caso? Ou ela é bipolar ou gosta de mind games, aquele joguinho barato de sedução, tipo gato e rato. Na cama pode ser a mesma coisa: você vai fazendo os desejos dela, enquanto ela dá seus pitizinhos, até que cheguem ao gran finale. Se ela não chegar? Mande-a brincar de Camille Paglia com qualquer outro (Men's Health, 2011, n° 67, p. 24).

A forma como o leitor iniciou sua pergunta remete às configurações tradicionais dos relacionamentos heterossexuais, nos quais os homens são galantes e procuram aproximar-se das mulheres a partir de pequenos cortejos. Ao mesmo tempo, a mulher é vista como objeto de desejos sexuais. Por isso, o leitor assumiu no relato a iniciativa da ação e, por meio de gestos, procurou agradar a personagem com a qual ele contracenava, fazendo com que fosse colocado numa posição de sedutor. Porém, a figura feminina não se mostrou receptiva à ação masculina, sendo essa postura censurada pela colunista da *Men's Health*. A mulher, ao agir de forma voluntária contra a sedução do homem, foi vista pela colunista como anormal, "frígida" e cheia de "histeria", dando a entender que, nas relações heterossexuais, são os homens que devem exercer o papel de sedutor na trama e as mulheres responder com a aceitação. Isto também pode ser visto na pergunta do leitor paulista Renan Madureira:

Rezoca, qual o melhor jeito de chegar junto de uma garota no bar?

Primeiro, querido, saque se ela está acompanhada – há tanta mulher no mundo, para que brigar, certo? Se o caminho estiver livre, comece com o olhar. Teve retorno? Fique nessa troca por um tempo: esse clima misterioso despertará nosso interesse! Quando a garota levantar para ir ao banheiro ou pedir algo no balcão, aproxime-se. Puxe conversa sobre amenidades, sem pretensão. Muita sede ao pote pode fazê-la não levar você a sério. Peça uma dica de bebida, comente o som... Mostre interesse às respostas dela e encerre a conversa perguntando o telefone, em vez de atacá-la. Assim, você vira uma exceção, o que pode multiplicar seu charme. No próximo encontro, o gol é 100% certo (Men's Health, 2012, n° 76, p. 44).

Como podemos perceber, o leitor procura elementos para ser um homem sedutor; para isso, a colunista o aconselha a criar um "jogo" de sensualidade, conquista e atração, no qual ele deveria aproximar-se da mulher desejada de forma lenta, mas sempre tomando a iniciativa. Primeiramente, o leitor deveria olhar a mulher, admirando a mesma e a desejando. Posteriormente, ele deveria aproximar-se como quem faz um cortejo, sorrindo, puxando conversa e ouvindo a mesma. A partir daí, os dois conversam sobre o que gostam e o que não gostam. Por fim, o mesmo vai embora, criando um clima de expectativa para o gênero feminino; a mulher é posta numa posição de receptividade, de alguém que espera a iniciativa e aceita o galanteio masculino,

ficando ansiosa pelo retorno do parceiro. Nesta lógica, são os homens que desenvolvem as condições das relações entre os gêneros, colocando as mulheres numa postura de submissão e acomodação durante as relações heteroeróticas.

Isto se deve, em grande parte, a que a *Men's Health* apresenta a mulher como um corpo que foi feito para servir o homem, em especial para o prazer sexual. As formas corporais das mulheres são entendidas como responsáveis pelo desempenho sexual do gênero masculino. Por isso, ao longo das edições há várias representações que visam despertar o erotismo masculino. Para isso, são usadas imagens que valorizam as formas corporais femininas, como pode ser visto na Figura 2.

A figura feminina apresentada na edição de número 37, publicada em maio de 2009, representa o corpo feminino como objeto dos interesses eróticos masculinos, em que os atributos físicos identificados com a beleza e saúde são tidos como importantes para a atração sexual. As mulheres, por sua vez, devem ser jovens, de cor de pele uniforme, magras, com seios e quadris volumosos, devendo ser cobiçadas compulsiva e obsessivamente pelos homens. Assim, esse público é incentivado a ver na figura feminina a satisfação de seus desejos, conquistando o prazer individual e deixando de lado a satisfação mútua. Isso fica explícito nos relatos de vários leitores, que apresentam a sexualidade como ato exclusivamente físico.

Tais relatos são como os do pernambucano Edlima, que expôs sua experiência de namorar há três anos uma mulher que não dava à vida sexual a mesma importância que ele:

Leitor: Vizi, namoro há três anos, mas ela acha que o sexo não é tão importante. Há pouco passamos 20 dias na seca. O que faço?

Colunista: Tem uma coisa que você não pode esquecer sobre as mulheres: para nós, em geral, sexo está ligado a afeto. Vai que, independente de curtir você na cama, ela não esteja 100 % feliz com o restante da relação? Aí é birra na certa. Ou seja, problemas na transa. Em resumo, há garotas que dão uma desencanação do sexo se não se sentem atraentes. A solução é ler a MH e pôr em prática as dicas para levantar a moral da namorada. Caso não funcione, caia fora. Se a coisa está assim no namoro, imagina no casamento! (Men's Health, 2012, n° 72, p. 53)

Aqui o homem é tratado como dominado pelas necessidades fisiológicas, constantemente vistas como momento crucial de instauração do ser homem, em que este está propenso a valorizar as experiências físicas. Já o feminino é apresentado como um público que geralmente pensa o sexo de forma romântica, como forma de construir e solidificar afetos. Podemos observar isso no relato do leitor André Bortoli Bebes, de Foz do Iguaçu (PR):

Leitor: Carol, minha namorada é mais nova e virgem. Toda vez que vai rolar, ela desiste. Como convenço de que isso é inevitável?

Colunista: Cada mulher tem um tempo para começar a transar. Dependendo de como ela se vê, a importância que dá ao sexo, ao amor, ao corpo... Há também a questão da segurança: a primeira vez é sempre especial, pede romance e confiança.



Figura 2. Seção sexo.

Figure 2. Sex section.

Fonte: *Men's Health* (2009, nº 37, p. 20-21).

Talvez você esteja muito fissurado no rala e rola e não consiga passar a ideia de que a ama de paixão. Reserve um hotel na serra, com ambiente à meia luz, diga que você é louco por ela e mande bem nas preliminares quer testar sua pegada? Leia vai ficar Ai parado? (pág. 70). Se ainda assim resistir – e você a amar –, espere. Se não, pule fora, cisque em outra freguesia (Men's Health, 2012, nº 72, p. 53).

Como se observa, o ato sexual é visto como forma contínua do homem provar sua virilidade. Em relação à mulher, o sexo é local de afeto e tensões. De um lado, é a forma de satisfação amorosa, de estar ao lado de um homem que a faz feliz. De outro, há as causas emocionais, o medo dela de serem rejeitada por seu parceiro, por ser sexualmente ativa, ou pelo sucesso ou insucesso de sua vida sexual, que pode acarretar a perda do parceiro.

Também observamos, ao longo das edições analisadas, que as reportagens reforçam a ideia de relações heteroeróticas, nas quais os homens, culturalmente, devem ser sedutores e sexualmente ativos. Em nenhuma revista analisada, houve referência ao homoerotismo masculino. Em todos os números da revista, a narrativa construída era sobre o erotismo masculino focado nas formas corporais femininas. Os homens eram apresentados como quem controlava e dominava as relações. Também era comum o uso de imagens de parte do corpo feminino para incentivar uma personalidade de gênero na qual a satisfação estava em controlar através de seu falo o prazer do sexo oposto:

Caia de boca! Não é o tamanho do seu amigão a maior reclamação das mulheres em consultórios de terapeuta sexuais. Sabem o que elas querem? Beijar.. muito e sem pressa (Men's Health, 2011, nº 65, p. 48).

Com isso, o homem é apresentado como quem tem o poder na relação. A mulher é vista como quem espera o ato, quem subjetivamente ocupa o segundo plano na relação, alguém que tem desejos, mas não os revela, por procurar agradar e obedecer a seu parceiro, esperando que este descubra formas de agradá-la.

O corpo masculino na *Men's Health*

Ao nos depararmos com as representações de gênero na revista *Men's Health*, observou-se que a mesma associa a sensação de ser homem ou mulher à composição das aparências corporais. De modo geral, percebemos que essa visão corrobora os argumentos de Judith Butler (2008, p. 194) que afirma que as identidades de gênero são construídas por meio da composição da superfície do corpo. Para ela, as identidades de gênero sempre se manifestam socialmente:

[...] atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos.

Assim, as imagens corporais possibilitam que se façam inferências sobre o comportamento de gênero (masculino e feminino), que não está obrigatoriamente ligado à orientação sexual (hetero, homo ou bissexual). Por isso, homens, de diferentes idades e posições sociais, defrontam-se com exigências relativas à composição de sua aparência. Eles são cobrados por amigos e familiares para terem corpos que demonstrem sua virilidade.

Estudos como o de Judith Butler (2008) têm chamado a atenção para os insultos sofridos por causa das formas corporais. Neste sentido, homens que possuem formas corporais tidas como afeminadas ou femininas, tais como travestis, *drag queens* ou outras performances, sofrem censuras. Ao assumirem estas imagens corporais, independentemente de serem homossexuais, bissexuais ou heterossexuais, eles são colocados como socialmente estranhos ao gênero masculino. Muitos deles são ofendidos e rejeitados por conta de suas imagens físicas, pois vivemos em uma sociedade em que o corpo pode provar a sexualidade heterossexual ou fazer com que recaiam desconfianças sobre a orientação sexual.

Por isso, desde que os representantes do sexo masculino começam a reconhecer suas formas corporais, muitos sofrem emocionalmente a rejeição por não pertencerem aos grupos sociais que valorizam determinadas formas corporais. É comum, também, alguns sofrerem por serem alvos de piadas e preconceitos, que associam a orientação sexual à aparência do corpo. Desse modo, alguns homens vivem em constante transtorno com seus corpos, sua anatomia, a cor da sua pele e a textura da mesma, que muitas vezes determinam as formas como cada indivíduo se relaciona com o outro.

A rejeição de determinadas formas corporais faz com que muitos desejem assemelhar-se aos modelos que estampam capas de revistas. Pois é por meio delas que muitos são informados sobre os valores sociais, já que elas fazem circular representações que inibem, controlam e educam o gênero masculino. Podemos observar como a revista exerce uma função pedagógica na composição do corpo masculino na coluna *Gil, o garçom*:

Leitor: Gil máster, estou fora de forma e sem tempo para malhar – é que não recuso uma boa farra (ainda mais quando é a mulher quem chama). Como pôr exercício na correria?

Colunista: Xandão, se você não malha, acredite, esses convites vão diminuir. As mulheres sabem que uma barriga gigante não é apenas feia: prejudica o cara na cama e detona a carreira e a saúde. Ou seja, você acaba não sendo opção de sexo nem de bom partido. Que tal resumir a farra a duas noites por semana? Sobra tempo e energia para malhar três dias e jogar uma bolinha no fim de semana. Não quero ser mala, mas o preço de resumir a semana a balada é alto. E o financiamento é longo (Men's Health, 2011, nº 65, p. 22).

Como se observa, na *Men's Health* há censuras às formas corporais masculinas que não demonstrem continuamente a virilidade. Por isso, não basta aos homens desejarem e amarem mulheres, para que sejam tidos como masculinos; é necessário desenvolver uma imagem física semelhante à dos homens que aparecem nas capas.

Podemos inferir quais são essas formas corporais a partir da fotografia usada na capa da edição de maio de 2012 (Figura 3).

Na capa da edição de número 73, há a representação de um homem adulto, posicionado verticalmente à esquerda do plano. Ele está sem camisa, mostrando as regiões peitoral, abdominal e braçal, todas com a musculação inflada por sessões de exercícios anaeróbicos. A pele do modelo é clara, com um leve bronzeado. Os cabelos são curtos, claros, lisos, com algumas luzes loiras. Os olhos são azuis e estão ligeiramente abertos. O rosto é oval e alongado e está ligeiramente flexionado para baixo. O sorriso é discreto e demonstra intimidade com o leitor. Os braços estão flexionados e as mãos fechadas, segurando uma blusa em tom prata, que envolve o pescoço. Esta performance deixa os bíceps do modelo em evidência.

Ao fundo do modelo, há um painel branco com o nome da revista escrito em prata. Há, também, vários painéis menores com chamadas nas quais se lê: "malhado em 28 dias", "guia de estilo", "você manda bem?", "ensopado, já!" e "tchau, dor!". Todas as frases estampadas na capa usam linguagem coloquial e visam transmitir de modo imediato informações sobre o perfil dos leitores. Mas é a performance corporal do modelo o centro da capa da revista. Por meio dessa imagem a equipe editorial procurou fazer circular a imagem de um homem forte com rigidez e segurança de sua masculinidade.



Figura 3. Capa da *Men's Health* maio de 2012.

Figure 3. *Men's Health* cover on May 2012.

Fonte: *Men's Health* (2012, nº 73, p. 1).

A partir da fotografia dessa capa foi possível identificar que imagem de corpo ideal masculino é construída pela revista *Men's Health*, na qual a boa forma, corpo magro e alto, malhado, sem gordura e musculoso, é tido como bom. Com isso, junto com a revista, o corpo musculoso se dissemina em nossa sociedade. Estes discursos estendem-se das metrópoles às pequenas cidades, onde a revista faz parte do cotidiano de muitos homens (e também de muitas mulheres que buscam por esses homens). Ser um "cara da capa" da revista masculina *Men's Health* é o ideal de muitos. Mas como chegar lá?

Para se alcançar o "cara da capa" são necessários muitos esforços, para acabar com qualquer sinal de "imperfeição" que se tenha. É preciso autocontrole para buscar constantemente o aperfeiçoamento físico, construir um corpo firme, musculoso e tônico, longe de qualquer marca de relaxamento ou moleza. Nesta lógica, combater a gordura e flacidez é um investimento do indivíduo, uma questão de disciplina e autocuidado.

Porém, essas imagens não pertencem aos homens, são de domínio da sociedade, que inscrevem nelas os valores de beleza, juventude, sedução e vitalidade. Não aceitar os padrões exigidos é quase uma morte simbólica, porque, mesmo que se tenha sucesso profissional e familiar, os que fogem das formas socialmente aceitas estão infringindo a moral, que diz que é possível para todos arrumar tempo para cuidar da beleza.

Músculos Grandes em 15 Minutos. Sem tempo para se exercitar? Essa desculpa já não vale mais. É hora de crescer a jato! Vamos transformar seu corpo em 15 minutos. Não tem esse tempo sobrando? Então esqueça um pouco o Facebook, tome banho mais rápido e levante assim que o despertador tocar. Pronto, você achou a brecha de que precisa (Men's Health, 2011, nº 67, p. 38).

Os argumentos midiáticos afirmam que é possível encontrar tempo para conciliar as demandas diárias da rotina masculina do emprego e do lar com o intenso cuidado físico. Nesta lógica, os homens podem conquistar sucesso profissional e pessoal na vida, mas, se não estiverem "bonitos", estarão deslocados de uma sociedade que "prova" ser possível cuidar das obrigações sem deixar o físico de lado. Assim, negar esse modelo é quase uma falta moral, sinônimo de fracasso e indisciplina.

Evidentemente, essas mensagens não são absorvidas por todos; muitos devem ser os homens que fogem a essas imagens e estão convencidos de que é possível ser feliz fora do padrão, sem pensarem em mudar, querendo o contrário: ser reconhecidos como saudáveis estando fora dos moldes de corpo do tipo *Men's Health*.

Mas as imagens de homens que se permitem preocupar-se com os aspectos visuais, cuidando do corpo, da alma, da pele e do guarda-roupa, fugindo do modelo que tínhamos, em épocas passadas, dos homens como rústicos e desprendidos de preocupações estéticas, não estão fora do alcance das forças apelativas das redes informais, principalmente, ao convergirem para os teores consensuais e, em grande parte, sexuais das conversas

cotidianas. Por isso, com o tempo, esses valores de estética masculina são interiorizados nas práticas de muitos homens.

Alguns exemplos de como vários homens aceitam as preocupações com o corpo "impostas" pela mídia, as interpretam e as transformam nas realidades em que vivem, construindo significados que colocam as mensagens de um corpo perfeito e musculoso como ideal, podem ser encontrados em abundância nas matérias que publicam os discursos dos leitores.

Na seção *Mixer*, o leitor Antônio Sinderlê, de 1,70 m de altura, narra sua experiência de, aos 29 anos, ter pesado 105 kg; com isso, ele estava vivendo o momento mais angustiante de sua vida: "Em casa, com a esposa, eu também ficava sem graça com aquela minha barriga caída", diz o leitor. Isto era resultado da vida de indisciplina que ele levava, pois, "no tempo livre, eu jogava *videogame* sentado no sofá", "no almoço, lotava o prato sem critério. No jantar *x-tudo*". Com essa fala, podemos perceber que o leitor carrega valores morais que associam às imagens corporais a disciplina, fazendo com que aquele que não está de acordo com o corpo socialmente valorizado construa sentimentos de inadequação, sentindo-se fracassado por não ter uma imagem aceita (*Men's Health*, 2012, nº 71, p. 31).

O homem "gordo" é visto pela revista como alguém descomprometido, que compromete os padrões relacionados à masculinidade, alguém que não está preocupado com a saúde, pois a revista entende que ser gordo é uma questão de escolha, já que, através do controle e autocontrole, todos podem ser o modelo masculino da capa. Nesta lógica, o homem é responsável por conquistar um corpo magro e forte. Basta que os indivíduos criem estratégias para internalizar um padrão de corpo, como fez o leitor Antônio Sinderlê, que enfatizou, em sua narrativa, os muitos esforços em termos de atividades físicas e adequações alimentares para se amoldar à aparência midiática. Isso é identificado na fala do leitor: "Quando o *personal* me apresentou a *Men's Health*, eu disse que sairia nela um dia: não podia deixar a peteca cair" (*Men's Health*, 2012, nº 71, p. 31).

Podemos perceber que, no estatuto de masculinidade midiática, os indivíduos são medidos por um corpo, que tem de ser "magro, ágil e musculoso" (*Men's Health*, 2009, nº 41, p. 1). Estas são as condições para que os homens sejam reconhecidos como sujeitos, já que só dentro de um padrão de beleza que valoriza o corpo de academia eles são reconhecidos socialmente, como se o que mais interessasse nos homens fosse o tamanho dos músculos, e, é claro, quanto maior, melhor. Essa "cultura do corpo é uma das formas essenciais de compromisso estabelecido pela ética puritana com as necessidades de uma sociedade de consumo de massa" (Sant'Anna, 1995, p. 102).

Já o leitor Renato, de 37 anos, 1,81 m de altura, 85 kg, expõe como o nascimento da filha Ágata o levou a uma percepção negativa do corpo. Com isso, ele afastou-se do meio social, vivia em uma tristeza profunda, não conseguia nem trabalhar, porque não se encaixava no padrão físico masculino aceito. Até que tomou consciência e procurou suplantar sua imagem de 110 quilos:

Eu precisava ganhar dinheiro, e ficar outro dia em casa sairia caro. Tinha que cuidar de mim e de minha imagem [...] minha esposa e a Men's Health foram essenciais: me incentivaram muito [...] fazia esteira e/ou elíptico – totalizando uma hora de aeróbica – e musculação na sequência, isso quatro vezes por semana [...] com a mudança no corpo, consegui voltar a trabalhar de cabeça erguida (Men's Health, 2012, nº 69, p. 22).

Outro leitor que narrou sua história na revista foi Daniel Takara Gomes, de 30 anos, 1,80 m de altura, 84 kg. Ele aponta os dilemas de alteração da sua imagem por causa de alguns eventos externos. O leitor diz: "Sempre fui magro, fiz esporte, competi em natação." Mas após se formar em estatística e entrar no mercado de trabalho, "[...] faltou tempo para exercitar". Com isso, ele se tornou motivo de piada dos amigos, que ironizavam sua aparência e o posicionavam como inferior. Para retornar a uma imagem anterior, ele fez o seguinte trajeto:

Incrementei minhas séries com dicas, por exemplo, da reportagem A nova cara da flexão (Men's Health abril 2007) [...] três refeições maiores e três lanches – com bolacha integral, fruta, sementes oleaginosas [...] antes da comida eu comia muito chocolate diariamente. Mudei para só um tablete ao dia e do tipo amargo (rico em antioxidante). Junto, tomo suco para saciar a vontade [...] não corte nada da alimentação (Men's Health, 2011, nº 65, p. 40).

Como esse leitor, muitos outros começaram seus depoimentos lembrando momentos passados, quando tinham imagens socialmente aceitas, mas determinados fatos em suas vidas alteraram esse físico, desencadeando problemas em seus relacionamentos com seu corpo, tornando-os rejeitados da sociedade e motivos de piada. Por isso, eles travaram uma batalha para reconquistar o físico de antes. Nessa dinâmica, a revista demarca dois espaços: os que são detentores de um corpo magro, definido e musculoso como aceitos, ao ponto de os indivíduos que não apresentam essa imagem ser submetidos

De acordo com os valores e signos disseminados pela mídia, os indivíduos percebem que, em nossa cultura, há um controle das imagens. Os que não se adequam aos padrões são colocados de lado; por isso, eles aceitam os valores estéticos e se submetem aos mesmos, pois querem, nas relações com os outros, ser percebidos como bons, como iguais. Como se observa, a mídia impõe uma imagem de masculino a ser seguido (Figura 3), mas o árbitro desta moral é o próprio leitor, que de fato pode reprimir, apagar estes modelos, transformá-los em inimigos a serem combatidos. Mas por que as atitudes dos seres humanos são de se inclinarem diante desses modelos.

Podemos compreender as atitudes desses homens quando analisamos suas falas dentro de um plano cultural. A imagem é, em certo sentido, um meio de impor o controle sobre eles, de silenciá-los, porque as imagens estão associadas a valores de vida, de felicidade e de saúde. Por meio delas podemos perceber a capilaridade do poder nas várias dimensões da vida social. Um poder que é simbólico, que "[...] é um poder de consagração ou

de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem" (Bourdieu, 1990, p. 167). Assim, a aparência revela o grau de sucesso de seu "proprietário"; por isso, a melhor forma de ser aceito socialmente é manter-se dentro dos conformes da mídia, já que aquele que não se enquadra aos esquemas corporais é fica fora dos grupos sociais.

Tendo em vista que a mídia apresenta imagens que aparentemente podem ser alcançadas, muitos são os homens que se tornam "obcecados" pela forma física. Eles aceitam ser medidos, de quanto sobra e de quanto falta de componente estético. O que eles querem é ser socialmente aceitos dentro do grupo *Men's Health*.

São homens como Rogério Bruglia, de 30 anos, 1,77 m de altura, 76 kg, que passou a adolescência toda sem se preocupar com a aparência: "Eu vivia em simbiose com *videogame*." Ele era magrelo e não se importava, mas chegou o momento em que sua imagem foi reprovada socialmente. Ele narra: "Meu corpo franzino me deixava sem moral com as garotas [...] quando uma garota tocou meu ombro ela disse 'nossa, parece esqueleto!'" Sofrendo por não ter sua imagem aceita, a solução do leitor foi de silenciar, para não ser tachado de figura anormal, e tornar-se obcecado por alcançar o corpo do tipo *Men's Health*:

Vi um monte de gente forte e eu, magrelo, desanimei [...] Aí, passei a me informar sobre resultados do treino e conhecimento bancou a persistência [...] lia muito a revista inglesa. Com o lançamento da brasileira, em 2006, peguei firme [...] ia malhar seis ou sete dias por semana [...] prezo pelo equilíbrio [...] no supermercado comecei a olhar a tabela nutricional dos produtos. Aquelas com muita gordura, e/ou muito sódio, deixava lá [...] equilíbrio é fundamental à saúde física, mental e à beleza [...] me sinto saudável e bonito (Men's Health, 2012, nº 70, p. 22).

Pode-se observar que a beleza do corpo é associada, pelo leitor, à saúde, e que este está aberto à conquista. Por isso, negar os modelos *Men's Health*, tão atraentes, é quase uma insuficiência moral e é visto como uma falta de disciplina, já que os argumentos da revista afirmam que ser bonito não é só uma vaidade, é também uma questão de saúde.

Como se percebe, a mídia tem certa reprovação aos homens "magros". Ela os critica por não aceitarem os conselhos que são oferecidos para terem músculos excessivos. Foi o que narrou Bruno Ryu Fujimoto, de 20 anos, 1,70 m, 63 kg. Segundo o leitor, ele era visto como doente, até pelos seus familiares, que lhe falavam: "Meu filho, como esse braço está magrinho! Você deve estar com anemia." Por ser tratado como doente, ele tomou a atitude de mudar sua imagem.

Pensei: se eu, um ectomorfo (pessoa que pena para ganhar peso muscular), enfrentar o desafio no inverno, nada mais impedirá essa transformação [...] passei a fazer seis refeições diárias, cheias de carboidratos, proteínas e fibras [...] tudo melhorou: a postura, o pique e a autoconfiança (Men's Health, 2009, nº 37, p. 30).

Já Francisco Rafael Almeida, de 28 anos, 1,80 m, 76 kg, também se sentia magro. Ele narra que entrou na academia, mas ia uma vez só por semana. Com isso, chegou, aos 22 anos, a ficar desgostoso com a imagem franzina. Ele relata: "Comprei a segunda edição e já virei assinante. A revista me ajudou a melhorar a vida." Graças à revista, ele ganhou 10 kg de massa; por isso, relata que "entrar em forma é reconhecer o valor da própria vida".

Ganhei músculos e perdi as piadas sobre minhas costelas aparecendo [...] eu transformei num hábito sem férias; se não dá para ir à academia, adapto os exercícios [...] com a M. H. aprendi a variar exercícios, o que estimula [...] sabia que me empanurrar de pizza sempre não fazia bem [...] a M.H. me ensinou a montar o prato na hora certa [...] agora, por exemplo, consumo carboidrato antes e durante o treino. No final, só proteína [...] lendo a M.H. vi jeito de surpreender a mulher e manter o casamento muito bem [...] é ok sair da dieta de vez em quando (Men's Health, 2011, nº 68, p. 40).

Podemos observar que dedicar-se à busca por um corpo parecido com os modelos que estampam as capas de revista é uma tarefa árdua, uma educação dos homens, que são aconselhados a apagar corpos "magros" ou "gordos" e se devotarem aos modelos midiáticos. Eles só transformam suas anatomias porque não são socialmente aceitos. Logo, os corpos dos homens não lhes pertencem; são de domínio social, que tratam as representações como formas de ação de uns sobre os outros. Com isso, a dominação social masculina não se restringe ao feminino, exercendo micropoderes sobre os próprios homens, que diariamente sofrem requisições sobre os modos de tratar suas anatomias. Nestes, os corpos musculosos por exercícios físicos parecem ser condições de beleza, saúde e sucesso.

Considerações finais

Nossa proposta nesse artigo foi a de aplicar a categoria gênero para entender as representações corporais masculinas expressas na revista brasileira *Men's Health*. Buscando analisar esta revista enquanto importante segmento pedagógico de um tipo de masculinidade construída a partir das relações dos sujeitos com os corpos musculosos. É importante destacar que o conceito gênero foi entendido como resultado da combinação de vários aspectos humanos, como: biológicos, psicológicos e sociais. Por isso, "o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado" (Butler, 2008, p. 25).

Nosso ponto de partida foi à contextualização da revista *Men's Health*, enquanto meio de difusão de modelos que tendem a ordenar e definir formas de agir do gênero masculino sobre a sociedade. Neste processo, destacamos como a equipe editorial fez circular imagens e escritas nas quais as relações entre os sexos eram descritas como de oposição e atrações físicas. Isso porque a revista usava modelos nos quais homens e mulheres eram representados a partir das características que

os distinguia.

Desse modo, em relação aos modos de representar o feminino, constatamos que a revista apresentava este como objeto de interesses eróticos, que desperta desejos e excitações nos homens. Ao mesmo tempo este era estereotipado dentro de atributos físicos identificados com as condições de ser jovem, de cor de pele uniforme, nem muito magro ou muito obeso, com seios e quadris volumosos, devendo ser estes cobiçados compulsivamente e obsessivamente pelos homens, que eram representados como aqueles que controlam, dominam e detinha o poder sobre o feminino.

O masculino, por sua vez, era apresentado na condição de ser sexualmente ativo, heterossexual, objetivo, bem sucedido e forte. No entanto, tais características se misturavam a uma performance musculosa, associando a condição de ser homem ao sentimento de disciplina, saúde, beleza, sucesso e felicidade.

Tendo isso em vista, chamamos a atenção para os modelos que foram veiculadas pela revista *Men's Health*, que visam exercer sobre o gênero masculino controle sobre as formas corporais, representando o tórax largo, braços e peitos inflados como sendo saudáveis e bonitos. No entanto, esses não se limitavam as escritas e estampas da equipe editorial. Muitos leitores tratavam esses corpos horizontes dos projetos de vida.

Referências

- ADORNO, T.W. 2004. *Escritos sociológicos*. Obra completa, 8. Madrid, Akal, 527, p.
- ALMEIDA, M.V. de. 1995. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa, Fim de Século, 264, p.
- BELELI, I. 2005. *Marcas da diferença da propaganda brasileira*. Campinas, SP. Tese de Doutorado. UNICAMP, 176, p.
- BERGER, M. 2006. *Corpo e identidade feminina*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. USP, 312, p.
- BOURDIEU, P. 1989. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 311, p.
- BOURDIEU, P. 2007. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 158, p.
- BOURDIEU, P. 1990. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 234, p.
- BUTLER, J. 2008. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 236, p.
- CAMPBELL, C. 2001. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro Rocco, 400 p.
- CAILLOIS, R. 1990. *Os jogos e os homens a máscara e a vertigem* Lisboa, Portugal, Cotovia, 228 p.
- CHARTIER, R. 1990. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 239, p.
- FOUCAULT, M. 1982 *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 295, p.
- GARCIA, W. 2004. O corpo contemporâneo: a imagem do metrosssexual no Brasil. *Revista Virtual de Humanidades*, 11:1-15.
- GOLDENBERG, M. 2007. *O corpo como capital*. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 176 p.
- ISTO É. 2009. nº 2092, Editora Abril, 11 de dezembro de 2009.
- INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO (IVC). 2007. Disponível em: www.ivcbrasil.org.br. Acesso em: 11/09/2012.

- JOHNSON, A.G. 1997. *Dicionário de sociologia moderna*. Rio de Janeiro, Zahar, 300 p.
- LE BRETON, D. 2007. *A sociologia do corpo*. 2ª ed., Petrópolis, RJ, Vozes, 101 p.
- LE BRETON, D. 2008. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. 3ª ed., Campinas, Papirus, 241 p.
- LEVI, G. 2002. Usos da biografia. In: M. de M. FERREIRA; J. AMADO (orgs.), *Usos & abusos da História Oral*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, p. 167-182.
- MACHADO, A.G; RIBEIRO, P.C.P. 2004. Anabolizantes e seus riscos. *Adolescência & Saúde*, 4:20-22.
- MAUSS, M. 2003. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac e Naify, 535 p.
- MALYSSE, S. 2002. Em busca dos (H) alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: M. GOLDENBERG (org.), *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro, Record, p. 139-188.
- NOVAES, J.V. 2006. Ser mulher, ser feia, ser excluída. *Psicologia.com.pt*, p. 1-11. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0237.pdf>. Acesso em 20/03/2012.
- FERREIRA, A.B. de H. 1986. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1517, p.
- PERROT, M. 2005. *As mulheres ou o silêncio na história*. São Paulo, EDUSC, 357, p.
- REPPOLD, C.T.; HUTZ, C.S. 2008. Investigação psicodiagnóstica de adolescentes: Encaminhamentos, queixas e instrumentos utilizados em clínicas-escolas. *Avaliação Psicológica*, 7(1):85-91.
- SANTAELLA, L. 2003. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo, Paulus, 357, p.
- SANT'ANA, D.B. de (org.). 1995. *Política do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo, Estação Liberdade, 192, p.
- SCOTT, J. 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2):71-100.

Fontes primárias

- Men's Health*. 2009. nº 37, Editora Abril, maio.
- Men's Health*. 2009. nº 41, Editora Abril, setembro.
- Men's Health*. 2011. nº 65, Editora Abril, setembro.
- Men's Health*. 2011. nº 66, Editora Abril, outubro.
- Men's Health*. 2011. nº 67, Editora Abril, novembro.
- Men's Health*. 2011. nº 68, Editora Abril, dezembro.
- Men's Health*. 2012. nº 69, Editora Abril, janeiro.
- Men's Health*. 2012. nº 70, Editora Abril, fevereiro.
- Men's Health*. 2012. nº 71, Editora Abril, março.
- Men's Health*. 2012. nº 72, Editora Abril, abril.
- Men's Health*. 2012. nº 73, Editora Abril, maio.
- Men's Health*. 2012. nº 74, Editora Abril, junho.
- Men's Health*. 2012. nº 75, Editora Abril, julho.
- Men's Health*. 2012. nº 76, Editora Abril, agosto.
- Men's Health*. 2012. nº 77, Editora Abril, setembro.

Submetido: 24/09/2012

Aceito: 05/11/2012